
PESQUISA E AÇÃO SOCIAL:
CHAVES PARA UMA ALIANÇA

*Os acadêmicos menosprezam os pesquisadores populares.
Os ativistas sociais reclamam dos analistas por
sua lentidão e por seu distanciamento da realidade.
Alguns analistas são burocratas e certos
ativistas frustram os pobres.
O que fazer? Como fazê-lo? Com quem fazê-lo?*

*Ricardo Falla, sj**

Qual a relação existente entre a pesquisa, a análise e a ciência, por um lado, e a ação social, por outro? Aproximadamente durante 30 anos, caminhamos entre ambas as realidades, às vezes insistindo mais em uma ou outra, e a experiência das jesuítas centro-americanos e de outras partes do mundo, orientaram minhas respostas a este questionamento.

Respostas e reflexões que, mesmo correndo o risco de parecerem utópicas, vão dirigidas, muito em especial, às novas gerações. Reflexões e respostas que partem de um pressuposto que se firma como medida e critério para valorar

* Conferência proferida na reunião anual de LASA (Latin American Studies Association) na ocasião do recebimento do Prêmio Martin Diskin patrocinado por OXFAM e LASA, Chicago, set. 98.

a integração entre a pesquisa e a ação: a promoção da justiça no mundo e, particularmente, no nosso continente.

Justiça, no sentido mais amplo, abrangendo diversas dimensões: as relações econômicas, sociais e culturais. Isto porque se trata de verificar como se potencializa mutuamente a pesquisa e a ação social para resolver os grandes problemas dos nossos povos, e para que as ações e as pesquisas não se constituam em atividades desvairadas ou irrelevantes, mas em significativos esforços que promovam relações mais justas entre os seres humanos.

Entre os pobres, observando com seus olhos

Se não houver objetividade e rigor analítico, não existirá ciência. Também não será possível estabelecer uma ação social sólida, com força e duradoura. Existe, porém, um horizonte epistemológico que pode colorir nosso olhar e a interpretação dos fatos. Este horizonte é determinado pela situação vital do pesquisador.

A situação em que vive o pesquisador deve estar afetada pela injustiça do mundo. Isto permitirá a ele olhar, examinar e interpretar os fatos sentindo-os como os próprios que sofrem a injustiça. Participará, assim, quando possível, do seu mesmo horizonte epistemológico. O olhar dos pobres do mundo pode ser estreito e de curto alcance, pois pouco conhecem do mundo que está mais além do seu lugar e do seu bairro, porém mais do que o alcance e a amplitude do conhecimento do mundo de fora, o importante e significativo será o ângulo do seu olhar, sua perspectiva e seu ponto de vista.

A fonte de inspiração deste olhar só será possível conseguir mediante certo contato direto com os pobres. É o que chamamos inserção no seu mundo. Segundo a profundidade e autenticidade da convivência com os empobrecidos e excluídos, existem muitos tipos de inserção. Inserção profunda implica comer, dormir e trabalhar com eles. Significa viver como eles, sem utilizar-se de nossos próprios recursos durante algum período de tempo. Os antropólogos foram educados para esta opção. Lembro que cheguei a comer vermes e passar fome entre os Yaruros de Venezuela quando, ainda estudante e inspirado na leitura de *Tristes Trópicos* de Levi-Strauss, desenvolvi trabalhos de campo nas planícies do Apure. Tais inserções provocam choques culturais que mudam nossa vida. Também existem inserções mais superficiais. Atualmente

vivo num bairro marginalizado e pobre de uma cidade de Honduras, mas meu trabalho consiste em uma enfastante tarefa administrativa fora do bairro, no qual entro e saio, envergonhado, de carro.

A maioria dos pesquisadores que vivenciaram inserções profundas ou superficiais não poderão mantê-las, porque este tipo de vida entrará em conflito com o tipo de trabalho que deverão desempenhar, após terminado o trabalho de coleta de dados. Porque existem tempos de inserção, que são os menores, e outros de redação num escritório ou dedicado a ministrar aulas numa universidade. Nesta realidade, torna-se vital evitar que o horizonte epistemológico se dissipe com a distância e que se estabeleça uma contínua interação.

Os jesuítas, atualmente, assumem uma norma universal — que não saberia dizer se cumprida fielmente —: todos os jovens durante as etapas de formação deverão passar um tempo de inserção entre os pobres, sendo mais desejável, entre os pobres de uma cultura diferente da própria.

Pesquisa: três tipos

A pesquisa nas ciências sociais deverá receber sua inspiração dos pobres para que possa exercer influência numa ação transformadora da sociedade. São de todos conhecidos os principais tipos de pesquisa e análise. O acadêmico, próprio das universidades e que consiste essencialmente em estudo, reflexão, pesquisa e redação. O de planejamento e de desenho de políticas, como o realizado nas repartições dos Estados, das Nações Unidas, nas ONGs e que pretendem identificar determinadas situações para priorizar ações e serviços. O de conscientização e organização popular que, a partir da base, pretende mobilizar os marginalizados, integrando suas necessidades na luta pela justiça.

Estes três tipos de pesquisa não se complementam entre si, como seria desejável. Os acadêmicos costumam desprezar, como falhas de base científica, os estudos dos pesquisadores populares, enquanto estes acusam os acadêmicos de distanciar-se da realidade e das maiorias, ofuscados pelos preconceitos inconscientes gerados a partir da sua autoconsciência de valorização intelectual. Os pesquisadores de planejamento são, por sua vez, considerados como burocratas, em dependência da instituição a qual servem, impessoais e afastados dos órgãos de decisão para os quais trabalham.

Pesquisa para transformar: chaves

Três elementos oferecem estes três tipos de pesquisa para conseguir uma base de entendimento e integração, na procura comum de uma ação social transformadora:

- que a motivação e a orientação da pesquisa vise solucionar aos graves problemas da injustiça: a pobreza, a violência, a destruição do meio ambiente, a propagação da AIDS, a discriminação da mulher, a corrupção do mundo político etc. Esta motivação fundamental determinará a seleção dos temas a serem pesquisados e o ângulo de interpretação. Com certeza não é tarefa fácil a seleção dos temas mais relevantes, porque a liberdade, não raro, vê-se condicionada pelos interesses das instituições e dos que financiam os projetos, porque existem temáticas fáceis de serem “vendidas” e outras que “estão na moda”. Todavia, sempre deverá ser mantida a orientação para a justiça, mesmo contra o vento e a maré.
- que a pesquisa seja conduzida com o devido rigor científico, que seja autocrítica nos seus pressupostos, que analise conscientemente a autenticidade e valor das fontes, e que reconheça as limitações dos seus métodos. Especialmente, que preste atenção ao efeito imobilizador das análises de nível macro que, com frequência, contrastam com a esperança dos pobres, que lutam no seu dia a dia pela vida e, apesar dos dados estatísticos, conseguem sobreviver “sem saber como”, como concluem, não raro, os pesquisadores, evidenciando seu afastamento da realidade. A pesquisa deve se caracterizar pela honestidade intelectual refletida na teoria, no método e nas técnicas utilizadas. E a ciência deverá refletir sobre si mesma para verificar se, talvez, está sendo utilizada para sustentar as injustiças.
- que a análise seja realizada em situação de diálogo. Com frequência, o treinamento intelectual gera, pela mesma dinâmica da competência, um estilo individualista de trabalho. Torna-se indispensável a existência de diálogo entre as pessoas que pesquisam a mesma disciplina e entre as diferentes disciplinas: a antropologia, a economia, a história, a sociologia, a filosofia e, inclusive, a teologia. A globalização da sociedade exige também um diálogo entre os níveis micro e macro. A pesquisa deverá apresentar como um dos prin-

cipais critérios da veracidade das suas análises o diálogo com os afetados, seja diretamente ou seja através das pessoas que se encontram na vanguarda da ação social.

Ação e pesquisa: duas dinâmicas

Dependendo dos objetivos definidos, a ação social admite muitas e variadas classificações. Existem ações de acompanhamento, de assistência, de desenvolvimento, de promoção dos direitos dos indivíduos e dos povos, de defesa do meio ambiente, de solidariedade internacional, de mudança das estruturas. Segundo as pessoas aos quais é dirigida, também a ação social é muito diversificada: com minorias étnicas, com marginalizados urbanos, com organizações camponesas, com migrantes, com doentes de AIDS, com idosos... Também poderemos classificar a ação social segundo o tipo de injustiça que se pretende enfrentar, a classe de serviço que se ofereça ou segundo a identidade dos ativistas.

A ação social entra facilmente em conflito com as dinâmicas da análise e da pesquisa. As necessidades são urgentes. Os que estão na vanguarda conhecem estas necessidades bem melhor que os pesquisadores e não podem esperar porque precisam responder ao ritmo diário, mesmo sem possuir uma informação exaustiva. A pesquisa, especialmente a acadêmica, é lenta demais e pesada e não costuma ser de grande ajuda para os ativistas que a desprezam: *intelectuais de ar condicionado, teóricos — dizem —, venham a enlamear seus sapatos, só publicam livros para ficarem empoeirados nas prateleiras, ganham grandes salários enquanto a gente morre de fome...* Tudo isto falam.

A ação social também comporta críticas. Pode ser cega ou míope, sem análise, e pode estar infestada de erros que prejudicam os pobres: pela dependência do financiamento das ONGs que criam alguns projetos, pela imposição e exigência às pessoas do ritmo de trabalho dos ativistas, pela lutas suicidas alicerçadas em análises ideológicas, por ações atropeladas, irrefletidas e mal planejadas que só conseguem frustrar os pobres... Assim nos comentava um técnico, sinceramente crítico, ao deparar com nossa secadora de grãos num município de Honduras: *Este é um dos muitos fosséis do imenso cemitério dos projetos para América Latina.* O ativismo possui um dinâmica própria e se alimenta a si mesmo, só quando existe muito dinheiro disponível. Assemelha-se ao intelectualismo de muitos dos grandes projetos de

pesquisa, que também apresentam uma dinâmica própria na qual acaba sumindo o *para que*.

Ação social eficaz: chaves

Que traços positivos deveria apresentar a ação social? Entre a ação social e a pesquisa deveria existir uma influência mútua, propiciando que a ação possa fluir da análise e a análise se alimente com a prática.

Não é preciso que a ação, necessariamente, se inicie ao término de uma pesquisa seguindo uma listagem de recomendações. O que acontece com maior frequência é que, quando a pesquisa consegue tocar a fonte inspiradora do povo, desencadeia um processo que contagia entusiasmo. A pesquisa alcança delinear um tema, vislumbrar e valorizar uma população esquecida, enfrentar um desafio que se converte numa quase aventura para a juventude. Como parte do mesmo processo, se inicia a ação. Assim o observamos em muitas ocasiões. De uma pesquisa realizada entre vários companheiros sobre os indígenas panamenhos surgiu o compromisso de assumir uma paróquia em zona guaymí, com tudo que supõe de apoio à organização popular desta experiência religiosa. A partir deste compromisso, foram-se apresentando problemáticas concretas a serem estudadas, como por exemplo, a relação dos indígenas com a mina de cobre que ameaçava sua região. Ao mesmo tempo, cada estudo, mais ou menos sofisticado que fazíamos, apoiava-se na luta pela autonomia da etnia guaymí.

Mesmo que, na maioria dos casos, a ação social não estará exige uma pesquisa prévia, cremos que deveria sempre partir do diagnóstico e da identificação das pessoas que sofrem a injustiça e que serão envolvidas na ação dos ativistas sociais. Com este diagnóstico, os ativistas aprendem a seguir, interiormente, os desejos dos povos e a detectar quais intuições de solução que poderiam ser executadas com a ajuda externa. Trata-se de uma análise participativa com os pobres, em que eles mesmos também são pesquisadores. Desta ótica, entende-se a recomendação de não apoiar projetos delineados exteriormente — são inflexíveis — mas processos que propiciem um espaço aberto para a criatividade das pessoas que acompanhamos. Assim, evita-se esta relação entre ativista-funcionário que supervisiona o projeto e a pessoa que o engana, pois o que realmente interessa às pessoas não é precisamente o projeto, mas os ganhos individuais que possam usufruir.

Fazer o jogo do sistema?

A ação social não deverá “fazer o jogo do sistema”. Este é um tema que gera muita discussão, porque ninguém está fora do sistema e ninguém poderá dizer que não tira algum proveito dele. Porém, o que se pretende com este conselho — que costuma ouvir-se em reuniões de reflexão sobre a ação social — é alertar sobre a possibilidade de que, tratando-se de aliviar a pobreza dos povos, assumamos papel substituto das responsabilidades próprias do Estado, como por exemplo, garantir água potável, melhorar o sistema de saúde ou assegurar a educação. Outro exemplo poderia ser o dos que afirmam — e julgo-o incorreto — que, ao apoiar a luta pelos direitos humanos nas maquilas, fazemos o jogo dos sindicatos norte-americanos, que se opõem à maquila porque querem recuperar empregos.

Com certeza, não existe uma definição exata para sabermos quando estamos fazendo o jogo do sistema. O importante, porém, será que a ação social leve em conta não só as necessidades imediatas que pretende aliviar mas, de modo especial, o contexto social e político em que subsistem estas necessidades.

A necessária institucionalização

Torna-se indispensável que a relação entre pesquisa e ação, ambas inspiradas no contato de inserção com os pobres, se estruture socialmente, de algum modo, numa instituição, ainda que simples e pequena, para assegurar que sua presença e atuação na transformação social seja duradoura, mesmo quando houver mudança de pessoas. Numa só pessoa pode-se conseguir estabelecer e administrar com êxito esta difícil tensão entre pesquisa e ação social, porém, mesmo quando esta pessoa seja uma fonte de inspiração carismática para toda uma instituição, não será suficiente.

A equipe elementar de uma instituição orientada a estas tarefas consiste num grupo de pessoas, umas dedicadas à pesquisa e outras à ação social, unidas e integradas em torno de tarefas concretas e comuns de promoção da justiça.

Nas Universidades, existem tentativas de institucionalizar a relação pesquisa e ação e utilizá-las através da docência. A prática tem mostrado que a docência — mesmo que não deveria ser assim — agiliza ambas

as tarefas. Docência, pesquisa e projeto social se estabelecem no contexto universitário, em Faculdades, institutos de pesquisa e centros de ação e projetos sociais, que possibilitam a aplicação dos estudos dos universitários no campo e em bairros pobres das cidades. Com frequência, a integração destas três áreas deixa muito a desejar e não é, com certeza, a única forma nem a mais incidente, mediante a qual a análise universitária converte-se em ação. Já dizia Ignacio Ellacuría, reitor da Universidade Centro-americana de El Salvador, que a missão da Universidade é a de ser consciência crítica e de elaboração de propostas da sociedade. A contínua expressão desta consciência custou-lhe a vida.

Algo semelhante aconteceu com o bispo de Guatemala, Juan Gerardi, dois dias após apresentar em quatro volumes os resultados de uma pesquisa sobre as violações dos direitos humanos durante a guerra, demonstrando que a imensa maioria destes crimes eram de responsabilidade do exército de Guatemala. Com uma pedra, destroçaram seu rosto e a cabeça, indicando assim, simbolicamente, a destruição que pretendiam fazer do informe da equipe de Recuperação da Memória Histórica, REHMI. Neste caso, a pesquisa convertida em denúncia estabeleceu uma ação social, mas esta ação ainda não foi suficientemente poderosa para desmascarar as forças militares ocultas atrás do poder.

Atualmente, a realidade da globalização está abrindo novos níveis de coordenação em rede, a respeito de novos temas de pesquisa e ação: a procura de alternativas à pobreza ou à dívida externa, a integração do grande Caribe, as contrapropostas à ALCA, o Mercosul etc.

Equipe coerente: chaves

Mesmo tornando-se difícil oferecer pistas concretas, que deveriam orientar estas formas de coordenação, tanto as existentes na equipe de um centro social, quanto as estabelecidas nas universidades e nas redes, sugerimos algumas:

- que se procure uma certa unanimidade básica no que se pretende — a promoção da justiça, entendida de forma ampla — e que este objetivo seja uma realidade e não um mero palavreado. Que exista nitidez nos objetivos específicos e nas tarefas de cada pessoa ou instituição que colabora. Esta clareza deverá conduzir a uma seleção de informações e tarefas, para não sermos oprimidos por uma interminável série de reuniões, de redes ou de mensagens eletrônicas.

- que exista uma real e dedicada liderança assumindo a coordenação, e que esteja apoiada por uma administração eficiente. Entre as pessoas deverá se manifestar sincero espírito de escuta, diálogo e confiança mútua, grupo no qual todos têm alguma coisa a dizer.
- que a questão financeira seja conduzida com discernimento com o objetivo de que as equipes de pesquisa ou de ação não sejam dependentes de fundos do Estado ou de corporações que possam impedir a liberdade de ação e de crítica social. Um atento discernimento referente às possíveis inversões, para que os interesses do patrimônio que sustenta o trabalho não procedam de corporações que estejam explorando os trabalhadores em outras partes do mundo.
- que os gastos a serem feitos em projetos de pesquisa ou de transformação social — altíssimos salários, conferências em hotéis de cinco estrelas — não se constituam numa afronta aos pobres, cuja situação de pobreza afirmamos querer aliviar. São notórios e chocantes os supersalários dos pesquisadores na América Latina.
- que a inserção entre os pobres de alguns membros da equipe ou instituição seja tomada como uma corresponsabilidade — *se ela se encontra entre os pobres, todos estaremos lá* —, como um corretivo, testemunhal e afetivo, das inevitáveis diferenças dos níveis de vida que impõe a realidade e nosso mundo, especialmente se os profissionais têm família.

Família e comunidade: seu influxo

A relação entre pesquisa e ação se modela socialmente na família, nas amizades, na comunidade, em todas as formas de convivência vivenciadas pelos diferentes integrantes do grupo.

Quando os pesquisadores publicam um livro, costumam dedicá-lo à esposa, filhos ou filhas, que pacientemente o suportaram e o apoiaram. A família exerce um influxo óbvio no trabalho de investigação científica, para que este seja aberto ou centrado na ação social. Também influencia na ação social dos próprios membros do lar e família. A reflexão e a análise espontânea e contínua no seio familiar, no círculo de amizades e na comunidade, influenciam na orientação da pesquisa e da própria ação social.

Porém, como tudo na vida, não podemos elaborar uma reengenharia influenciados pelos gostos da família e dos amigos. Na América Latina fomos crescendo no meio de contradições ideológicas impostas pela vida, quando o cunhado era oficial do exército e o irmão pertencia à guerrilha. Mesmo assim, acreditamos existir um espaço de liberdade para conformar a constituição, os hábitos e a orientação do lar. O pressuposto fundamental é que não deverá existir uma dicotomia entre a vida familiar e a preocupação pela promoção da justiça, da qual uma das dimensões é a relação pesquisa-ação.

Lar para a mudança: chaves

Em certos lares alimenta-se positivamente a relação entre a pesquisa e a ação:

- porque se estabeleceu entre os membros do lar uma comunicação, adaptada à idade, sexo e parentesco de cada um, que inclui a reflexão informal, respeito do que se faz e sobre o que deverá ser feito. Esta reflexão, ativada na mesa, no lazer, em todos os espaços, converte-se num contrapeso desideologizador, integral e de sentido comum, ao equivoque de pesquisa e de ação. Trata-se, pois, de um suporte que alimenta o compromisso, no decorrer da vida pela promoção da justiça, em momentos de fracasso, depressão, desemprego ou traições. Se os filhos crescerem neste ambiente de reflexão, suas vidas serão orientadas pela justiça no mundo.
- porque se cria um ambiente de hospitalidade e uma atitude de abertura para as pessoas das diversas classes sociais e ocupações diferentes e, muito especialmente, para as pessoas pobres. Conhecemos casos exemplares de pesquisadores e trabalhadores sociais que oferecem hospedagem, nas suas casas das cidades, à gente do campo. Torna-se uma forma muito válida para manter o horizonte epistemológico dos pobres.
- porque existem momentos e espaços, em comum, dedicados ao descanso, à convivência, à festa, à vivência de arte e de espiritualidade — mesmo não sendo especificamente religiosa. Nestes momentos de descanso, cria-se uma ruptura do trabalho sério que é relativizado, como algo que possivelmente possa mudar o mundo. Leva-se a brincadeira com a mesma seriedade e intensidade que dedicamos ao trabalho. Porque, apesar de tudo, as grandes transfor-

mações têm se dado alheias à nossa vontade, e deveremos admiti-las como um presente da vida. A espiritualidade de um família, em que as crianças brincam opõe-se a uma ideologia de compromissos e de promessas.

- porque a família, o lar, as amizades são metáfora “viva” de uma nova sociedade incluyente, igualitária, respeitosa, aberta e alegre, gerando esperança para todos os que a descobrem e dela se aproximam. Em si mesma, por sua singela presença contracultural na sociedade, uma família assim constituída torna-se um foco de mudança social.

Esperança de uma nova sociedade

A fonte integradora da pesquisa e da ação social, para a promoção da justiça, são os pobres. Mas, se esta promoção é inviável, se os fracassos obscurecem as estratégias, se a mesma possibilidade de uma teoria global da sociedade entra em crise e carecemos de um alvo concreto para os nossos esforços, é possível que a inspiração se possa converter num tremendo engano. E precisamos de motivos de esperança que não sejam meras ilusões.

Na América Central tentamos diversas vezes estruturar, após a queda do socialismo, seminários de estudo sobre a imagem de uma nova sociedade e conseguimos recolher algumas lições que são motivo suficiente para prosseguir na busca intelectual e para não abandonar os trabalhos de promoção das bases. Uma listagem dos principais temas que deverão se aprofundados desenham a imagem de uma nova sociedade.

- No terreno econômico: a economia mista entre o mercado e a planificação deveria ser uma alternativa à absolutização ideologizada do mercado e à fracassada centralização do socialismo. A economia deveria ser orientada para a geração de empregos, para melhorar o nível de vida e para proteger o meio ambiente e não só controlar e garantir cifras macroeconômicas, mesmo que exista esta necessidade. A riqueza não deveria firmar-se na especulação financeira, mas no incentivo da produção.
- No terreno social: a formação da sociedade civil e o aperfeiçoamento da democracia participativa deverão ser incrementadas. Em alguns dos nossos países o poder do exército ainda é excessivamente atuante. Em outros, a abstenção eleitoral se constitui em sinal

de perigo. A ampliação da participação das mulheres num mundo tradicionalmente machista se constitui num processo lento, mas necessário, que deverá gerar uma nova sociedade. Desburocratizar, diminuir e modernizar o Estado será uma tarefa imprescindível, como também seu fortalecimento em relação aos organismos internacionais. Contra o desprestígio crescente dos partidos políticos um ponto necessário da agenda exige a revalorização da vocação política e o enfoque da transformação das estruturas a partir do poder local.

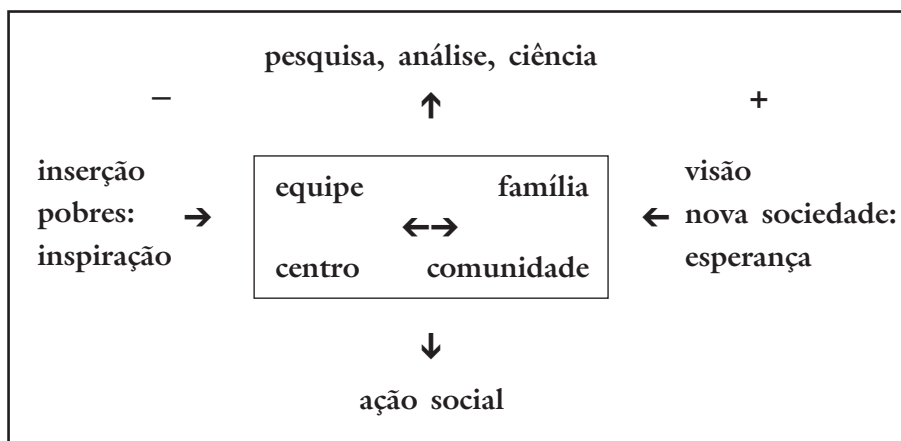
- No terreno cultural: constituem-se tarefas da nova sociedade a recuperação da identidade dos povos e dos seus valores, esmagados pela cultura globalizante dos meios de comunicação, e a revalorização da *civilização da pobreza* — como a chamava Ellacuría — para enfrentar o consumismo voraz e depredador.

É cada dia mais evidente: qualquer solução aos problemas, inclusive quando localizados em comunidades pequenas, deverá ser examinada numa perspectiva global. Mesmo quando o capitalismo multinacional vai abrindo, de modo inexorável, uma fenda cada vez mais profunda, entre pobres e ricos, entre analfabetos e informatizados, entre indígenas que vivem em barracos como se fossem seres do século passado e indígenas cultos e profissionais — e poderíamos seguir citando outros exemplos —, a globalização aportou efeitos positivos inegáveis. Um destes frutos é a consciência de uma cidadania universal e a possibilidade de uma solidariedade, nunca antes imaginada. Esta solidariedade, que na ocasião das guerras centro-americanas foi muito ativa entre os países do Primeiro Mundo e as pessoas comprometidas com a mudança social, parece haver entrado numa situação de indolência e marasmo. Estamos no momento propício para reorganizá-la e revigorá-la dentro de uma concepção, não mais de dois blocos, mas de um só mundo: a aldeia global.

Um banquete onde todos tenham seu lugar

Parece que nos nossos dias estamos em falta de metáforas-raízes da nova sociedade. Alguns mencionam o bote salva-vidas como uma metáfora que poderia identificar a sociedade dos excluídos. Poucos são os que conseguem um lugar no bote, e os que não entram estão condenados ao afogamento. É uma imagem do darwinismo social, no qual

apenas sobrevivem os mais fortes e os melhores adaptados ao meio. No lugar desta imagem, nos nossos círculos de reflexão preferimos usar a imagem judaica da comida de festa na qual, na medida em que existir maior participação mais haverá, porque se gerará mais trabalho, mais entusiasmo para produzir e maior generosidade para compartilhar. Esta comida de festa nos relembra conteúdos mitológicos. Mas não em vão são os grandes mitos da humanidade, os grandes portadores de esperança, sinal confiável de que encerram alguma verdade.



Observando este esquema, poderemos verificar o caminho e a dinâmica que supõem a integração da relação entre pesquisa e ação. Partimos dos pobres como fonte de inspiração, o que poderemos conseguir no contato com eles na inserção. Eis donde surgem as motivações para o esforço na promoção da justiça, seja desde as atividades de pesquisa, seja na mesma ação social. Trata-se de um espaço carregado de negativismo, porque nele se apalpa a injustiça na sua sem-razão mais direta. Mas é precisamente neste poço que encontramos, enquanto mais escuro, maiores possibilidades de descobrirmos as luzes da esperança de uma nova sociedade em perspectiva. No sorriso dos pobres identificaremos uma fâsca de esperança que alimentará a nossa.

Esta inspiração influencia e determina a relação entre a pesquisa, a análise e a ciência, de um lado e a ação social do outro. Não influi no abstrato, mas se plasma no concreto, estabelecendo relações estáveis, umas de trabalho e outras de vida. A equipe, espaço em que se possi-

bilitam simultaneamente a pesquisa e a ação, é o protótipo da integração, numa unidade de trabalho, da relação entre pesquisa e ação. A família ou o lar é o protótipo donde se integram, em uma unidade de vida, estas duas atividades. Entre equipe e família surge uma mútua relação de apoio crítico, gerando raízes afetivas para um compromisso, que se for autêntico e real, atravessará muitas tormentas.

Assim como a inspiração dos pobres nos impulsiona porque sua realidade está tingida de negativismo e nos anima à luta para superá-lo, do mesmo modo a visão de uma nova sociedade nos anima e nos dá motivos de esperança. Esta visão nos faz entrever uma imagem que não é possível delinear esquemática e racionalmente. É vislumbrada e perfilada entre série de luzes que brilham no meio da escuridão. Observando-as no seu conjunto, nos oferecem uma idéia das possibilidades e dos desafios que estão a nos brindar esta difícil hora da história que nos tocau viver.